

"acabar com as favelas"

PARQUES PROLETÁRIOS PROVISÓRIOS: UMA INTERVENÇÃO NA PRÁTICA

mauro kleiman

...*"Para o carioca, então, a favela é uma velha conhecida. Em nossa linda cidade, elas nascem e crescem com prodigiosa rapidez, às vistas de todos, e, o que é pior, nas melhores zonas, deixando flagrante aos olhos de qualquer turista o enorme atraso urbanístico em que elas nos colocam."*

Marla Hortência do Nascimento e Silva¹

...*"Requer para a sua extinção, que ouço afirmar possível e relativamente fácil, providências coordenadas de autoridades dos setores federal, estadual e municipal, sem o que o esforço isolado e corajoso da prefeitura resultará inoperante e será detido, como o tem sido pela invasão da cidade pelos elementos indigentes dos estados vizinhos que para aqui aportam abandonando lavouras e indústrias, para viver no Rio, invadindo os morros. Sem polícia de fronteiras impedindo o acesso fácil e diário de indigentes, sem a proibição essencial de embarque no interior de doentes e desamparados, sem fiscalização efetiva sobre as condições de vida dos habitantes..."*

além de não ter solução pela evidência de resolvê-la adequadamente, se agravará cada vez mais para tristeza da própria gente humilde e boa que habita as favelas...

Aparelhando-se como se está aparelhando para construir grandes parques proletários do tipo definitivo. Estou seguro que o resultado será inevitável, ficando então das favelas desaparecidas apenas o aspecto romântico das suas canções, tributo valioso com que pagam hoje, pela inteligência, os morros ocupados da cidade."

Henrique Dodsworth²

"Quisto" urbano necessitando ser extirpado, aglomeração "desordenada" com um ambiente social "desintegrado", "promíscuo", sem "higiene" a favela no início da década de 40 ganha esboços de planos e projetos que seriam a "solução final" de uma ideologia dominante, sonho dos meios oficiais e da cidade: "acabar com a favela".

Ela que, então, já impunha a sua marca, instalando-se em áreas nobres, com seu aglomerado denso e sua implantação desordenada, diversa da cidade em si.

O interesse aqui é mostrar a idéia e a prática da experiência dos parques proletários provisórios, surgidos no bojo dos valores do Estado Novo, que abrangiam todos os setores da sociedade. Essa experiência orientava-se diretamente para a extinção

da favela e da transformação radical do ser que a habita. Tornou-se, na prática, somente uma remoção, uma interferência numa comunidade impondo-lhe um outro tipo de organização social e espacial, sem atuar nas causas e conseqüências do problema. Estavam ali, reunidos, pensados e testados, métodos e mecanismos que viriam a se tornar rotineiros nas remoções iniciadas na década de 60 e que tem o seu auge a partir de 64. Não que antes não se pensasse nisso, mas é aqui a primeira vez que a prática se impõe, estabelecendo mecanismos usados em outras épocas e circunstâncias políticas, em diferentes graus de intensidade e sofisticação. Não seriam, é certo, essas as únicas idéias e mecanismos a serem usados, mas eram sua forma de ação desenvolvendo-se. Não só os mecanismos operacionais de remoção, mas a prática dessa idéia. Principalmente não só a remoção, mas a organização espacial dos conjuntos, a estrutura social, etc, imposta, que através do processo de extinção, sempre tentado, das favelas, foi sendo usado e reproduzido, em diferentes contextos políticos, econômicos e sociais.

Importa também observar como os parques, tendo fracassado na sua finalidade provisória, tornam-se favelas, e como tal são removidas em 1969. Os parques proletários provisórios são parte de um processo longe de estar no seu final, desde de que procurou-se praticar a ideologia de "acabar com as favelas".



OS PARQUES PROLETÁRIOS PROVISÓRIOS: UM ESBOÇO, A IDEOLOGIA, AS EXPERIÊNCIAS

— Por que a preocupação com a favela que, nos primeiros anos da década de 40, era ainda um problema secundário? Grande parte de quem já analisou o problema aponta o paternalismo social do governo Vargas como o principal fator dessa preocupação e conseqüente intervenção. Esse paternalismo liga-se fatalmente aos valores abrangentes apropriados pelo Estado Novo e aplicados a toda sociedade, ramificando-se em cada setor. Seriam eles, “reeducar”, “reajustar”, “recuperar” para a sociedade o homem “ignorante”, “malandro”, “indolente” que nela nunca esteve ou que dela se afastara. Eu penso que esse paternalismo foi o necessário mas não o suficiente, principalmente para pôr em prática o plano em si. O paternalismo englobava querer dar uma “nova vida” ao favelado. Viabilizar sua ida para os parques era outra coisa. Esse plano mexia com coisas que antes não tinham sido mexidas: a remoção, relocação de pessoas de um lugar para outro, ou melhor e, mais ainda, a extinção de sua forma de organização social substituída por outra, diferente. O necessário era o paternalismo, o suficiente seria o autoritarismo. A remoção e a alteração de uma organização social, já que não partia de um pedido, de uma necessidade do habitante da favela, mas do poder, tinha que ser imposta. Ao lado do paternalismo e autoritarismo, teriam vez outros fatores secundários, mas igualmente determinantes dessa preocupação e intervenção: a) o fato de que mesmo abrigando pequenas populações a favela impunha-se no espaço urbano pelo contraste de sua aglomeração densa e desordenada com a cidade; b) por sua localização em áreas nobres, ou lado de “residências luxuosas”, “quebrava” a estética. (Esse tipo de preocupação com a estética aparece em numerosos artigos e trabalhos sobre a favela); c) impunha-se, também, por estender sua localização a toda cidade e por exteriorizar um crescimento, tanto dentro de cada núcleo, com grande rapidez, como pela sua multiplicação, notadamente nas áreas próximas a indústrias, grandes obras e bairros em formação.



O “Esboço de um Plano para o Estudo e Solução dos Problemas das Favelas do Rio de Janeiro”⁴, de Vitor Tavares de Moura, (então membro da Comissão para a Higienização das Favelas), base teórica para a experiência dos parques proletários provisórios, propõe a integração das favelas na cidade e a promoção cultural dos favelados. No trabalho a favela é analisada como um processo gerado pela migração, pela expansão residencial do Rio, e pelas condições em que isto se dá e entendida como “importante problema social”.

Como era o Plano? Os favelados seriam removidos provisoriamente de suas casas para um conjunto de casas, construídas nas proximidades, em área da prefeitura ou do governo federal. Pagariam uma taxa de conservação, à quisa de aluguel, enquanto construísse, no lugar de suas originais habitações derrubadas, novas casas de alvenaria, definitivas. Os parques proletários teriam uma infraestrutura de serviços comunitários, constando de: escola primária, centro médico, igreja, creche, jardim de infância, escola profissional, etc. Suas finalidades sociais visavam “reeducar, reajustar e recuperar o morador, integrando-o novamente na sociedade como elemento útil e produtivo”⁵. Previa, ainda, equipamentos urbanos de base: água, eletricidade e esgoto. O plano em si tem pontos positivos, progressistas para a época: a remoção apenas em caráter transitório, ainda assim para locais próximos ao de origem e o retorno a uma casa com uma estrutura física mais sólida. Também é importante, no trabalho, a análise das causas das favelas, e como são produzidas. Esses pontos são os mais nítidos. No entanto a ideologia dominante sempre foi a extinção das favelas, muito bem expressa na legenda sempre repetida “acabar com as favelas”, que aparece muito em artigos nos jornais, em conferências, etc. O esboço de Vitor Tavares de Moura não foge a essa regra: sua idéia é também a de extinguir as favelas.

Por que razão não se passou à fase final da experiência? Pode-se especular: Na prática, por causas que veremos adiante, a intenção da volta a uma casa de alvenaria, no local de origem, ampliou-se e modificou-se. Passou-se a admitir que o habitante do parque, depois de nele preparar-se para tal, ao “reingressar na sociedade”, procurasse casa por conta própria. Outro projeto previa casas definitivas nos próprios parques. Eu me pergunto também se diante da ideologia de extinção das favelas, e já tendo atingido essa fase, o poder público não deixou a situação ficar como estava, acreditando que os parques, por si só, gerariam mudanças sociais de tal ordem que já não seria preciso relocar o morador a sua origem. Até porque o plano de voltar a uma casa de alvenaria não me parece que resolveria os problemas que ele mesmo aponta como principais: o da higiene, o da infra-estrutura e os dos serviços comunitários. Senão vejamos: a casa de alvenaria seria quase que uma solução externa, “estética” para um problema que exigiria uma

infra-estrutura de base: água, esgoto, luz, etc; e outra de comunidade: escola, creches, etc., que esta volta ao local de origem não previa. Ao contrário, os parques teriam essa infra-estrutura comunitária e de serviços básicos.

Onde haveria então o propósito primeiro de extinguir a favela, dar um corte num tipo de organização social e espacial que não combinava com os valores da cidade nem com os valores específicos da época. Havia embasamento para isso na idéia dominante na época de entender o favelado como "malandro", um "ignorante", um ser inútil separado da sociedade, vivendo num ambiente "promíscuo" e desintegrado. Havia o choque das residências luxuosas, e arranha-céus, e elite econômica com a favela. Uma remoção que teria como objetivos primeiros deter uma organização social diversa. O que houve aqui de importante não foi a relocação geográfica, mesmo porque foram removidos para locais próximos. Importante foi o corte estabelecido num processo de comunidade, numa solução própria em andamento e era esse processo ao largo que não interessava ao poder. Uma autosolução não poderia interessar a um "paternalismo". O autoritarismo impôs uma nova organização espacial e social à comunidade. Não se pensou, então, em outros tipos de solução e, principalmente, não se pensou em consultar a comunidade. O que seriam seus interesses, seus valores, seu processo de estruturação social, não foram levados em conta, ou só o foram na medida em que usados, casassem com os do poder.

Por outro lado, haveria também impedimentos econômicos para a realização da parte final do plano: construir casas e toda uma infra-estrutura nos parques, sem levar em conta se essa infra-estrutura existia nas proximidades ou não; remover os habitantes para lá; derrubar os barracos; construir casas de alvenaria; e relocar os habitantes ao local de origem. Estes são investimentos múltiplos e superpostos, que exigiriam vultosas verbas.

É importante ainda notar o com a idéia de organização espacial foi importante diante da preocupação vigente na época e a conseqüente intervenção: o espaço da cidade é normalizado, hierárquico, legalizado, e o da favela um espaço invadido (ilegal), desordenado, "espontâneo"⁶. É importante como essa diferença de organização física que importa na organização das relações sociais, sempre, mesmo quando a favela era um problema secundário, esteve em primeiro plano. À cidade não interessariam organizações espaciais, plantas, diversas daquela que ela apresenta. E importante como isso determinou a planta dos parques proletários e, hoje, é um dos fatores que determina a dos conjuntos habitacionais. É uma planta ortogonal com espaços hierarquizados, onde o espaço dos interesses do indivíduo e a soma dos interesses de cada um é substituído pelo espaço do interesse do poder, ou seja, imposto de cima para baixo.

Breve Histórico dos parques — A campanha dos parques proletários provisórios no Estado Novo, entre 42 e 44, envolveu a remoção de aproximadamente 4.020 pessoas e a extinção de inúmeras favelas. Foram criados no Estado Novo três parques. O primeiro, da Gávea, na rua Marquês de São Vicente, abrigou moradores das favelas do Largo da Memória, Olaria, Capinzal e alguns habitantes de casas de cômodos. Tinha na sua abertura 804 casas e, aproximadamente, uns 2.500 habitantes. O segundo abrigou 720 pessoas, em 180 casas, vindas de uma favela que ocupava faixa de terreno da Central do Brasil que foi requisitada para a ampliação e melhorias da ferrovia. Ficava no Caju, na rua Bonfim. O terceiro ficava no Leblon, na rua Adalberto Ferreira, entre a favela da praia do Pinto e o paredão do C.R. Flamengo, tendo 800 pessoas e 162 casas. Para lá foram moradores da favela do Jockey Club e famílias dos pracinhas que estavam na Itália.

A REMOÇÃO PASSA DO PAPEL PARA A PRÁTICA: "A FAVELA DO LARGO DA MEMÓRIA TEM QUE SAIR"⁷

... *"Razões de estética impostas pelo urbanismo determinavam de há muito o desmonte da favela do Largo da Memória, favela que ao lado de arranha-céus e residências luxuosas estabelecia tal contraste que despertava natural revolta na alma daquela gente humilde. Esse fato foi observado pelo sociólogo belga, o Reverendo Padre Vallière Febon, quando de sua visita à nossa cidade maravilhosa, que viu nesse "modus vivendi" um dos fatores de incentivo ao comunismo no Brasil!"*...

Laura Torres Bogado⁸

A extinção e a remoção dos moradores do Largo da Memória serve aqui como exemplo. Seu histórico, coincide em diversos pontos com o da maioria das favelas do Rio, em sua organização social e respectivos mecanismos. É exemplo prático das primeiras intervenções políticas nas favelas.

A favela do Largo da Memória⁹ tem sua origem e formação igual à maioria das favelas. Resultou da necessidade dos operários, que construíam o canal da Av. Visconde de Albuquerque, de morarem nas proximidades. Ao contrário teriam de percorrer todos os dias longas distâncias para o trabalho. Com o término das obras, permaneceram no local. Outras grandes obras estavam sendo feitas por perto na ocasião (Estádio do Flamengo, etc), além de dois bairros que estavam em construção: Ipanema e Leblon. Além disso, na Gávea, havia duas grandes fábricas de tecidos. Se voltavam ao local de origem, fato possivelmente raro, suas casas eram ocupados por outros.

Não ter que pagar pelo terreno, nem por aluguel ou outra qualquer taxa, estar próximo ao local de trabalho, são fatos identificáveis em quase todas as origens e formação de favelas. A do Largo da Memória não fugiu à regra. Estavam ali presentes também mecanismos informais hoje de resto mais esclarecidos, como de pessoas que moravam ali e, quando se sentiam seguras no local, chamavam parentes e amigos para o mesmo. Outros, ao observarem pessoas ali se instalando, sem uma representação do poder público, também se instalavam ali.

Localização — A favela do Largo da Memória situava-se onde é hoje o largo do mesmo nome na rua Bartolomeu Mitre, e subia pela pequena encosta, onde hoje localiza-se um quartel do Exército, razão imediata da definição de sua remoção. Tinha na época aproximadamente 300 barracos e mil e duzentos habitantes: 50% operários e 25% domésticas, com percentagem mínima de desempregados. Ocupava terreno da Prefeitura. A quase totalidade das casas eram próprias, sendo só 13 alugadas. Média de 6 pessoas por barraco. A organização social dessa favela já possui em formação a estrutura que hoje se apresenta, de modo geral, nas favelas.

Era uma favela em processo de sedimentação. Tal era esse processo que a favela continuava a atrair moradores. Podia-se prever que suas casas também estariam num processo e com o tempo, como de resto hoje é mais que sabido, a casa se modificaria, ampliando-se, e passando de barraco a casa de alvenaria, com mais cômodos, cozinha, banheiro. Estando em formação, apresentava o início do que agora temos mais nítido: na favela existem níveis sociais diferentes, classes, divididas até fisicamente. A favela não está separada do sistema econômico vigente. Seu habitante faz parte da base da pirâmide social das classes. Essa grande massa gerada e mantida pelo sistema é usada como mão-de-obra barata e reserva industrial. O morador da favela está inserido na economia urbana e mantê-lo como tal é interesse e necessidade da estrutura capitalista. As classes nas favelas são reprodução desse sistema. Na parte mais alta viviam as pessoas que chegaram antes e já tinham uma posição de emprego mais estável. Suas casas eram melhores, a região mais tranqüila. As relações entre vizinhos eram mais sólidas. A higiene podia ser melhor, pois devido à topografia, as águas não estagnavam, vindo a descer o morro. "Eram, em geral, famílias bem constituídas, gente que sentia prazer em ser visitada".¹⁰ Moravam em barracos mais bem construídos. Na parte baixa ficava a gente que vinha chegando, ainda um grupo em formação. Essa área era mais suja, os barracos mais numerosos, colados uns aos outros. Era também a área de encontro da favela. Já existia ali, pelo menos em embrião, toda uma gama de associações de favelas: os homens se reuniam para tocar violão; e havia rodas de samba, birasca, sinuca, etc., as mulheres se reu-

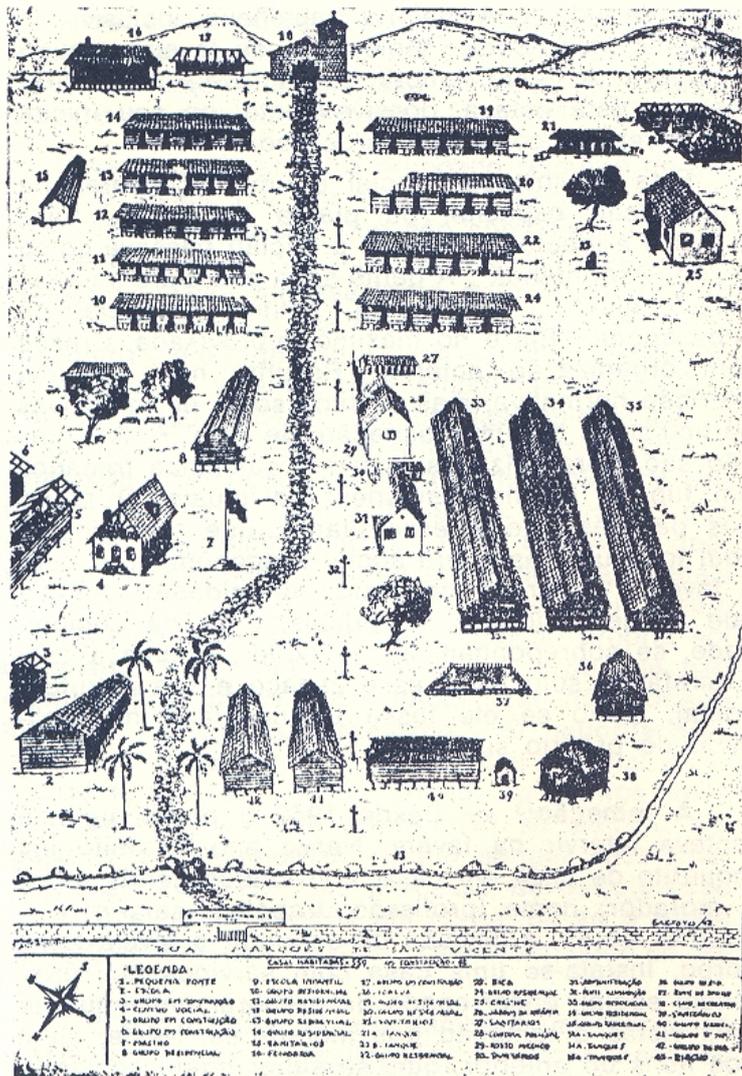
niam no fim da tarde para conversar "sobre o andamento da vida"¹¹. A maioria trabalhava, inclusive as mulheres, quer como domésticas ou lavando roupa para fora. A gente lembra que a favela é um processo e esta estava, possivelmente, no seu início. A intervenção corta esse processo.

Esta organização social é um dos fatores da organização espacial, da planta da favela. Essa planta e a ideologia (não só a oficial) passava como sendo "espontânea". A gente sabe que ela é imposta pela conjuntura econômica, política e social de cada época. "Ela é no máximo improvisada. Cresce sem organização anterior. Resulta, não de uma previsão normativa, mas de uma soma de iniciativas particulares, de uma situação de fato"¹². As ruas não são hierarquizadas, existem caminhos traçados em função de necessidades individuais. O plano dos parques rejeita essa planta, que tem vínculo com toda uma estrutura social e econômica, e quer a favela "integrada no tecido da cidade". Rejeita que as necessidades individuais, e as da comunidade, se sobreponham às do poder. Chama a este a tarefa de solucionar esse espaço e sua estrutura social, como se ele fosse desvinculado da realidade do próprio sistema.

A remoção¹³ — Desde 1940 o poder público tentava intervir na favela. Nesse ano foi feito um inquérito de casa em casa, com dados gerais sobre o morador: nome, profissão, trabalho, salário, etc. A partir de 41, a decisão de extinguir a favela toma corpo. Instala-se uma casa com serviços de assistência social, encarregada de preparar um inquérito com vistas à remoção dos moradores. Neste, além dos itens do anterior, quis se saber quem construiu a habitação, o número de peças da casa, gastos com habitação, origem do morador, época de instalação. Estudou-se, a partir dos dados, o destino que seria dado a essa gente. Havia os que desejavam voltar para o interior, os que possuíam terrenos ou parentes que os tinham, os que ganhavam o suficiente para iniciar a compra de terreno a prestações, os que, desejando ficar no bairro, preferiam alugar cômodos em casas coletivas e tinham meios para tal e os que não queriam ser removidos do Largo e nem tinham meios. Cogitou-se de uma conjugação de esforços, dos governos federal municipal, no sentido de atender a todos os casos. Houve a promessa de construção no Largo da Memória de uma vila operária com pequenas casas para cada família ou um prédio de cinco andares. Essa cogitação é importante na medida em que, posteriormente, o plano dos parques previa que estes deveriam ser construídos em terrenos da Prefeitura ou do Governo Federal. Isso evidencia que a favela do Largo da Memória não precisava sair do local para atender a tal objetivo dentro do plano.

Depois de um período de agitação em que se ameaçou demolir toda a favela em seis dias, houve uma reação e cessaram todas as atividades. Foi suspenso o desmonte, as casas que estavam sendo

O DESTINO DOS MORADORES: PARQUE PROLETÁRIO N.º 1, GÁVEA¹⁵



DESENHO DO PARQUE PROLETÁRIO N.º 1. PUBLICADO IN "IMPRESSÕES DE UMA ASSISTENTE SOBRE O TRABALHO NA FAVELA" DE MARIA HORTÊNCIA DO NASCIMENTO E SILVA.

demolidas foram reconstruídas e não se cogitaria mais da favela do Largo da Memória¹⁴ (isso em 1941). Não se conseguiu, provavelmente, ao longo do trabalho educativo do Serviço Social, lograr incutir nos moradores a idéia de remoção do local. Isso demonstra que já existiria um relacionamento comunitário, que permitiu a manifestação de repúdio à idéia de remoção. Outro fato importante é que, quando a idéia da remoção já era sólida, houve um acentuado aumento de habitantes. A remoção e a extinção da favela só se efetiva quando da requisição da área pelo Exército, para construir um quartel. Os inquéritos realizados possivelmente não foram levados em conta nessa remoção, pois os dados registram que a maioria dos moradores foram relocados. Isso choca-se com a idéia inicial de várias opções anteriormente descritas e supõe-se um dos fatores da reação. As intenções de se ouvir os moradores, mesmo através de inquéritos, cujos dados poderiam ser manipulados, foram deixadas de lado.

As casas do Parque eram geminadas formando blocos maiores ou menores. Os blocos, que receberam o nome de grupos, se situavam em alamedas designadas pelos nomes dos estados do Brasil. As casas eram de madeira e, não tinham cozinha, água encanada e instalações sanitárias. Havia banheiros e tanques coletivos. Não havia rede de esgoto. Em geral, eram de dois cômodos, aproximadamente de 3m x 3m, com portas e janelas largas servindo para ambos. Os dois cômodos eram separados por um biombo de madeira de 2m de altura. O piso era também de madeira e a cobertura de telha vã. As janelas, de tipo corrediço, possuíam abertura em dois pequenos losangos no centro para maior arejamento da casa quando fechada. As casas eram estandarizadas. A diferença que os moradores encontraram entre a habitação original e a que lhes era oferecida era praticamente nenhuma. Estudos realizados em épocas posteriores, no local, afirmam que as moradias não satisfaziam nem como provisórias. Calculadas para durar 6 anos, ao se transformarem em definitivas, sofrem rápido processo de decomposição física. O projeto técnico das casas foi a única intervenção dos arquitetos em todo o plano. A infra-estrutura comunitária, no início, funcionou a contento: escolas, posto médico; capela; creche; recreação; etc. Atenderiam às finalidades educativas e re-sociabilizantes do projeto. É estranho ter-se optado pela construção de toda essa infra-estrutura sem atentar para a já existente nas proximidades do Parque: Hospital Miguel Couto, duas escolas, etc. Em curto espaço de tempo, tais serviços viriam a apresentar as mesmas falhas dos serviços externos ao Parque. Como esses serviços seriam definitivos, teriam que ter uma estrutura física sólida, o que também não ocorreu. Com o tempo vários deles paralisaram suas atividades ou as tiveram saturados pelo aumento da população e dos problemas destas, que passaram a viver num ambiente idêntico ao da favela, sem esgoto, água, etc. Havia uma preocupação muito grande em fazer-se um Parque sem o "aspecto da favela". A organização espacial do Parque tem planta semelhante à da cidade. É evidente que a organização social nos parques era diversa da favela. O Parque tinha uma administração comandada por um funcionário do Serviço de Vilas e Parques e uma agência de serviço social. Havia então agentes externos que decidiam sobre os interesses dos moradores. Havia horário de silêncio, o portão fechava, digamos, às 22:00hs, o administrador anunciava pelo alto-falante seus interesses, etc. Desapareciam no Parque os pontos de encontro naturais da favela: a birosca, a sinuca e as rodas de samba. As pessoas, antes proprietárias de suas casas, aqui eram inquilinos.

Removidos de uma estrutura espacial e social onde organizavam-se comunitariamente, passam a

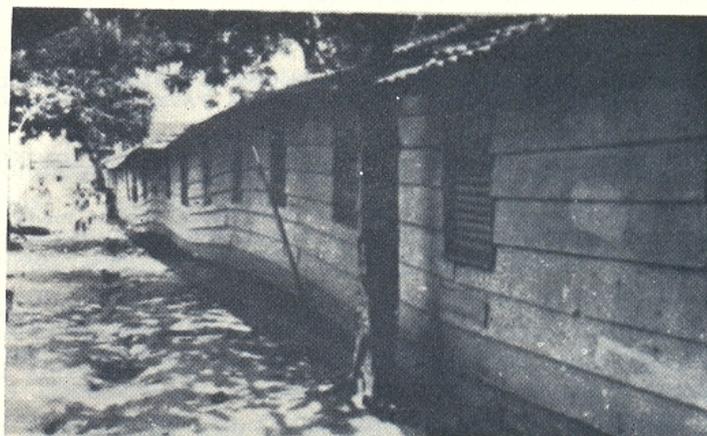
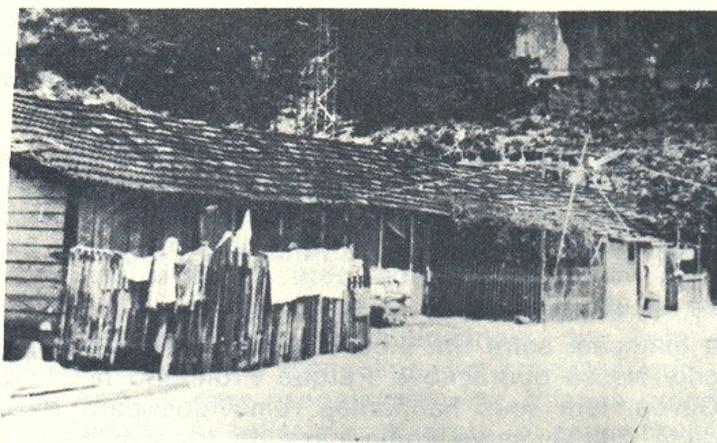
responder por uma provisioriedade que não os levou de volta à casa e que tornou-se definitiva, e por uma outra estrutura espacial que lhes era imposta e por uma sociedade à qual teriam que se adaptar, mesmo já sendo parte dela. Tudo isso sem que fossem ouvidos seus interesses.

O PROVISÓRIO TORNA-SE DEFINITIVO: OS PARQUES SÃO FAVELAS

Os fatores que determinavam o processo da origem e formação das favelas não foram analisados a fundo, nem postos em prática medidas que procurassem solucioná-los. Do plano, que estudou esses fatores, não parece ter interessado ao governo esse processo que ele analisa. A intervenção do Estado é feita no homem que sofre esse processo, e no seu habitat, solução dele mesmo. Os Parques não tinham capacidade de solucionar essas determinantes, eles foram a consequência de um processo imposto.

O plano dos Parques era uma solução setorial para um problema geral. Essa solução setorial, utilizada hoje em dia também, procura resolver o problema escolhendo somente um de seus aspectos e elegendo-o prioritário, no caso a habitação. É uma forma de encobrir o cerne da questão que está na estrutura capitalista vigente. O Plano dos Parques, assim como o programa de remoções dos anos 60-70, quer acabar com o "quisto" urbano representado pela favela, na sua estrutura física, não com sua estrutura econômica.

O provisório torna-se definitivo na medida que os fatores que geraram o processo deixam de ser o objetivo para se tornarem apenas pretextos para a dissolução das estruturas sociais; essas em formação na favela, se colocariam fora da organização vigente e/ou pretendida pelo poder, na época. A isso somem-se os demais fatores que determinaram a transformação dos planos dos Parques em si: o custo elevado dos investimentos múltiplos e superpostos. Provavelmente, esses custos foram uma das causas do abandono de parte do plano que previa a mudança para casa de alvenaria no local de origem. Ao invés disso, na prática, já instalados nos parques e decorrido algum tempo, e estando "reajustados" ao meio, deveriam mudar-se, por conta própria, para uma casa na cidade. Como essa readaptação não coincidissem com a realidade, e sendo as condições de salário que poderiam encontrar não compatíveis com a elevação do custo dos aluguéis na cidade, os moradores não tinham condições de sair dos Parques e não tinham condições porque seu estado econômico não era competitivo no mercado, inevitável na estrutura capitalista. Sua "reeducação" não o levou à uma ascensão social na pirâmide das classes. Sua transformação em "gente" não lhe garantiu essa ascensão nem nunca pretendeu tal fato. Assim, a adminis-



FOTOS DO ESTUDO SOBRE UM INQUÉRITO SOCIAL REALIZADO NO PARQUE PROLETÁRIO N.º 1 DE ADELAIDE MARGARIDA MANSO SILVA — PUC 1953

tração dos parques viu-se na contingência de ir ampliando cada vez mais o prazo de permanência no Parque. A população crescendo naturalmente ou aumentando graças a novos moradores que entravam com a concordância do governo; a ausência de infra-estrutura, a falta de rede de esgoto e água encanada, levaram os parques em pouco tempo a terem condições idênticas às da favela de origem. As habitações construídas para durar seis anos sofreram inevitável decadência física, e seu uso mais prolongado levou a necessidades de ampliação, caracterizadas por diversos puxados. Aos poucos, a administração descuidou-se dos serviços comunitários. O censo de 1950 aponta oficialmente uma situação de fato, já anterior, o Parque como favela.

... E AS FAVELAS SÃO REMOVIDAS ...

... "A erradicação da favela por órgãos do governo que tratam dos aglomerados subnormais, foi a melhor solução encontrada, pois a Praia do Pinto é imensamente desordenada, não havendo possibilidade de urbanização".¹⁶

Num outro contexto político, em outra circunstância, ainda com o autoritarismo viabilizando a operação, em 1969 o Parque da Gávea é removido juntamente com a Praia do Pinto e o Parque do Leblon.

A Praia do Pinto, há algum tempo prevista para a extinção, sofre um incêndio, que acelera a remoção. Nessa operação o Parque Proletário n.º 1, da Gávea, tem seus habitantes removidos para a Cidade Alta, e serve como casa de triagem para os desabrigados da Praia do Pinto.

O Parque Proletário Provisório n.º 2, do Leblon, tem seus habitantes, 276 famílias, removidos para a Cidade de Deus. À época já não havia diferença nítida entre a favela da Praia do Pinto e o Parque. O título da reportagem do JORNAL DO BRASIL que documenta a remoção diz que "Favelados deixam felizes o Parque Leblon" (JB 23-7-69).

NOTAS E BIBLIOGRAFIA

1 Silva, Maria Hortência do Nascimento e. — IMPRESSÕES DE UMA ASSISTENTE SOBRE O TRABALHO NA FAVELA — GRÁFICA SAUER — RIO — 1942.

2 Dodsworth, Henrique — BALANÇO DA AÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO ENTRE 41 e 45 — A NOITE — RIO 17/OUT./45.

3 Palavras, expressões e períodos entre aspas, são do modo de colocar o problema época (algumas ainda hoje) e utilizadas em diversos livros, e artigos de jornais, alguns utilizados para confecção do artigo.

4 Moura, Vitor Tavares de — ESBOÇO DE UM PLANO PARA O ESTUDO E SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO — INÉDITO, DATILOGRAFADO — TRECHOS CITADOS NO TRABALHO DE LUCIEN PARISSÉ, POR CORTESIA DE MARIA COELI DE MOURA, FILHA DO AUTOR DO ESBOÇO.

5 Pacheco, Maria Estela Bezerra — UMA EXPERIÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO E ORGANIZAÇÃO DA COMUNIDADE NO PARQUE PROLETÁRIO N.º 3 DO ESTADO DA GUANABARA — PUC — ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL — RIO — 1962.

6 Parisse, Lucien — FAVELAS DE L'AGGLOMERATION DE RIO DE JANEIRO, LEUR PLACE DANS LE PROCESSUS D'URBANISATION — TESE PARA DOUTORADO DO 3.º CICLO — UNIVERSIDADE DE STRASBOURG — 1970 — MIMEOGRAFADO.

7 Silva, Maria Hortência do Nascimento e. — OP. CIT.

8 Bogado, Laura Torres — PARQUE PROLETÁRIO PROVISÓRIO N.º 1 — PLANEJAMENTO DE UM SERVIÇO SOCIAL — TESE DE CONCLUSÃO DE CURSO — PUC — ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL — RIO — 1953.

9 Silva, Maria Hortência do Nascimento e. — OP. CIT. — DADOS NUMÉRICOS E DESCRIÇÕES DO LOCAL.

10/11 Silva, Maria Hortência do Nascimento e. — OP. CIT.

12 Parisse, Lucien — OP. CIT.

13/14 Silva, Maria Hortência do Nascimento e. — OP. CIT. — DADOS E DESCRIÇÃO.

15 Silva, Adelaid Margarida Manso — ESTUDO SOBRE UM INQUÉRITO SOCIAL REALIZADO NO PARQUE PROLETÁRIO PROVISÓRIO N.º 1 — PUC — INSTITUTO SOCIAL — RIO 1953 — DADOS QUANTITATIVOS E DESCRITIVOS.

16 "Fogo na Praia do Pinto deixa 5 mil ao desabrigo" — JORNAL DO BRASIL — RIO 11/5/1969.

Valladares, Licia do Prado — PASSA-SE UMA CASA — EDITORA LAMAR — RIO — 1978.

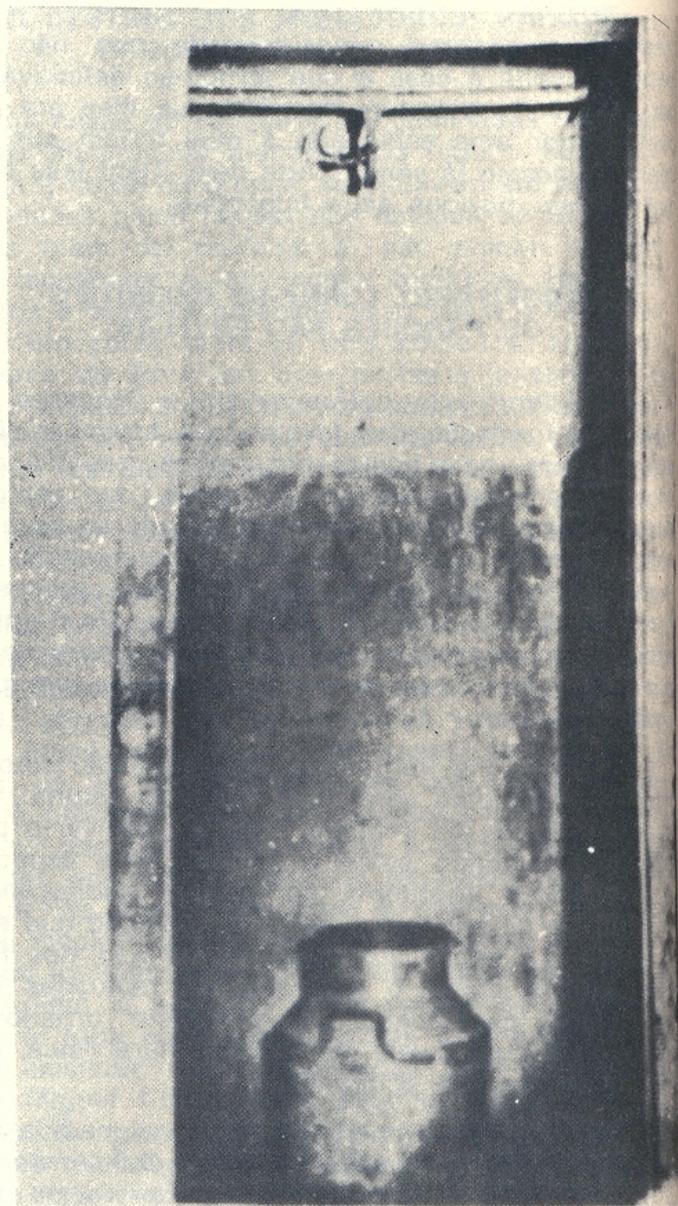


FOTO DO ESTUDO SOBRE UM INQUÉRITO SOCIAL REALIZADO NO PARQUE PROLETÁRIO N.º 1 DE ADELAIDE MARGARIDA MANSO SILVA — PUC 1953

● MAURO KLEIMAN é arquiteto e artista plástico.